

MALLEUS MALEFICARUM – A BRUXARIA COMO AFIRMAÇÃO DO PODER ESPIRITUAL.

RODRIGUES, Márcia Cristina (UNIMEO-CTESOP)

Ao analisar a Idade Média, George Duby afirma que todo poder é de natureza doméstica, participando de uma forma ou de outra, do sagrado. Tal poder é exercido por homens, cabendo a uns preceder e a outros seguir. Não existia uma formação política particular, porém a Igreja Medieval, criava e modificava as idéias políticas e religiosas de acordo com seus interesses. Segundo Alexandre Pierezan, “a Igreja Medieval reproduziu o modelo de perfeição do Deus que cria o mundo em seis dias e descansa no sétimo” (PIEREZAN; 2006:74), sendo assim, apoiada no idealismo religioso, buscava mostrar aos fiéis que deveriam seguir os ideais de Deus representados na Santa Madre Igreja.

A Baixa Idade Média é representada pela relação dos poderes políticos e religiosos: o Estado representado pelo Rei e a Igreja tendo o Papa como senhor maior possuidor do poder Espiritual. O dominicano João Quidort, que viveu por volta do século XIII na França, argumenta que “não é fácil a um só dominar o mundo nas coisas temporais. O poder espiritual pode facilmente transmitir a todos, próximos e distantes, as suas penas, por serem verbais. Já o poder temporal não pode fazer que com facilidade o peso do seu gládio, por ser manual, possas ser sentido nos que estão distantes. De fato, é mais fácil à palavra que a mão atuar à distancia.”(QUIDORT;1989:21); podemos perceber como se fazia importante o uso do discurso para se manter o monopólio cristão sobre os pensadores e pessoas da época medieval.

O poder da Igreja fazia-se quase que extrinsecamente pelo discurso, mesmo porque os mecanismos de manutenção do poder sobre o sagrado precisavam se apoiar numa crença que oferecesse credibilidade ao cristão. Nesse sentido, a Igreja impunha controle através do discurso. À maneira de Foucault, “o discurso verdadeiro, pelo qual se tinha respeito e terror, ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava, (...) era o discurso que pronunciava a justiça e atribuía a cada qual a sua parte...”(FOUCAULT;1998:15). Assim, questionar ou agir de forma diferente dessa verdade mostrada pela Igreja iria contra as normas de Deus, sendo considerado heresia.

Outra afirmação importante apresentada por Duby é que “todo poder, por natureza

doméstico e sagrado, era também masculino, “Deus só o delegava a homens” (DUBY; 1992:17) adjetivando as mulheres como seres frágeis, submissas e mais próximas do pecado. Essa caracterização vai ser usada pela Igreja séculos mais tarde num forte ataque a heresia, ocorrido a partir do século XV.

A partir do século XIII, na França, houve um forte conflito entre o Estado e a Igreja. O poder temporal se fortalece e seus mecanismos se multiplicam. O rei passou a usar o “amor de seus feudatários” (DUBY;1992:242) para garantir o controle das terras e do reino. Com a morte de São Luís, a igreja vê-se enfraquecendo. Descobriu-se que o mundo é “muito mais vasto e, sobretudo mais diverso” (DUBY; 1992:247) do que se sabia. A descoberta dos textos de Aristóteles, mesmo sem tradução, mostrou instabilidade numa instituição até então inabalável. Alguns dogmas cristãos foram postos em xeque.

O século XIV traz outra grande crise para a França: a Peste Negra. Depois de uma forte manifestação em 1348, ela se repete varias vezes, anos depois, dizimando milhares de pessoas em diversos pontos do país. Os franceses haviam já haviam se acostumado coma morte em grande escala de crianças e pobres, porém, esta nova morte chamada por DUBY de “morte negra”(DUBY;1992:257) não fazia distinção de idade ou classe social, atingia a todos. Dizimou boa parte dos homens e mulheres franceses. Doenças sem conhecimento de origem e sem cura, até então. A peste, que se manifestava por “tumores(...) na virilha e sob as axilas(...), em “uma infecção intestinal e uma afecção pulmonar acompanhada de sangue”¹ ou ainda de forma mortal como era o caso da Peste Pulmonar, assustava toda população. Milhares de cadáveres espalhados pela cidade, sem destino. A população recorre a Igreja. Atônitas, atribuem a doença à punição por algum pecado coletivo. Esperam que a Igreja e o Estado cumpram seu papel de liderança e solucionem o problema. A solução porém, nesse momento não foi encontrada nem pelo poder Temporal nem pelo Religioso. Não seria esta “uma prova de que nada valiam? (DUBY; 1992:257). É notório, a partir desse período, o “desvio” dos cristãos.

Após o período crítico da peste, o Estado participa mais ativamente da vida dos franceses. Os poderes públicos se fazem mais presentes, principalmente no que se refere ao sistema fiscal, nos impostos que se intensificaram para financiar a Guerra dos Cem Anos e as demais que viriam. Assim, defendido por guerreiros e sustentados por impostos, o “Estado (...) o soberano e todos os que serviam, que falavam, julgavam e

1 WOLFF, philippe. Outono da idade média ou primavera dos tempos modernos; martins fontes, SP, 1988- 18, 19

recebiam em seu nome...”(DUBY;1992:260) se beneficiava, enquanto as instituições eclesiásticas estavam ameaçadas, pois desde o fracasso das cruzadas, que ocorreram por volta dos séculos XI a XIII, o povo cristão começou a duvidar se realmente ser um homem virtuoso e obedecer aos ofícios litúrgicos era uma forma de obter salvação, o que diminuía em muito o poder espiritual. A invenção da xilografia ajudou na divulgação de textos e propagação de idéias o que permitiu uma interpretação cada vez mais particular de preceitos, e que, muitas vezes, diferia da “versão” religiosa. No final do século XVI o que se via na França era a figura do rei presente na vida da população e estas cada vez mais presas nas teias do Estado, enquanto a Igreja se via prestes a perder muito de seus fiéis.

A Igreja, no entanto, não estava “morta”. A partir da segunda metade do século XIV ela possuía “seus tribunais, suas finanças, suas equipes numerosas, ativas e eficientes de funcionários.”(DUBY;1992:257). A Igreja percebeu que algumas mudanças eram fundamentais para se manter. E, assim como o Estado, soube fortalecer-se fora da instituição. A mudança estrutural, porém, não seria possível. A Igreja era tradicional e seguia normas fundamentadas em tantos séculos passados que seria impossível qualquer tipo de mudanças. Enquanto o Estado buscava “prender” cada vez mais seus súditos com demonstrações de clemências, perdões, discursos, espetáculos e obras de arte, a Igreja vê-se perdendo o controle. Outras religiões foram criadas pelos leigos. Uma religião íntima, pessoal, com desejos secretos, mantida em casa e disseminada por toda parte principalmente após a invenção do papel. A criação de novas universidades em meados do século XIV mostrou uma abertura para conhecimentos que diferiam da educação religiosa existente até então. O Renascimento traz consigo o resgate de culturas em que o homem era tratado como ser perfeito, contrariando as normas da Igreja que atribuem a perfeição apenas ao ser Supremo.

Neste mesmo período, a mulher francesa foi incumbida de vários papéis, inclusive a de curar feridas, dores e febres de filhos e maridos atingidos pela peste e pelas guerras. Segundo a análise de Marcos Lopes, as mulheres assumiram os papéis dos homens de família devido a desestruturação causada pelas epidemias e guerras. As mulheres se viram obrigadas a trabalhar na lavoura, partos, curas, sendo, principalmente nas vilas mais distantes da atuação da Igreja, consideradas curandeiras, ato atribuído até então apenas a religião.

A Igreja encontrava-se ameaçada. Era preciso deter quem ousava “enfrentá-la”. Não era possível aos eclesiásticos lutar contra os soldados e contra o Estado. Porém, esse

Estado se fundamenta no povo. Pois, é sobre esse povo que a Igreja vai atuar. Na mentalidade ainda repleta de medo do “castigo divino” representado nas epidemias. Um tribunal denominado *Tribunal da Inquisição* foi criado no final do século XIII com desígnio de caçar e punir os hereges. Um dos manuais mais importantes desse período foi criado por Nicolau Eymerich e se tornou o guia dos inquisidores nos processos.

É no século XV, porém, que um manual considerado como “mais demoníaco e cruel”, foi criado: o *Malleus Maleficarum*. Escrito a pedido do Papa Inocêncio VIII, o manual foi o guia de quatro séculos e que a Europa conheceu o calor das fogueiras e a crueldade dos castigos realizados em nome de Deus pela Inquisição. Além de inúmeras pessoas comuns, grandes nomes da história como o cientista Galileu Galilei foram acusados de heresia durante a Idade Média, mas como o alvo principal deste manual eram as mulheres, a história da França tem suas páginas marcadas com o nome de Joana d'Arc, uma camponesa que tornou-se bruxa mas que viria, depois, ser transformada em mártir. As mulheres, bíblicamente, desde o início, tão marcadas por simbologias com o pecado cometido por Eva, conheceram, a partir da criação deste manual, que o poder da fé pode ser muito cruel quando esta se vê ameaçada.

No ano de 1484 os dominicanos Heirinch Kramer e James Sprenger receberam do Papa Inocêncio VIII uma bula dando-lhes poderes para criar e fazer seguir um manual contra os hereges². Segundo a bula os dois inquisidores “têm o poder de proceder, para a justa correção, aprisionamento e punição de quaisquer pessoas, sem qualquer impedimento, de todas as formas cabíveis...”³ e todos deveriam obedecer como sendo ordem direta do próprio Papa. O *Malleus maleficarum* tornou-se o manual dos inquisidores do século XV e dos séculos seguintes. Utilizando a análise de Carlos Amadeu Byington⁴, o livro é “dividido em três partes, a primeira cuida de enaltecer o Demonio com poderes divinos extremos e ligar suas ações com a bruxaria (...). Na segunda parte, ensina-se a reconhecer e a neutralizar a bruxaria nas vivências do dia-a-dia(...) e na terceira parte, descrevem-se o julgamento e as sentenças”. Baseado neste manual, o Inquisidor apenas verificava se o acusado (a) se encaixava nas características descritas na obra e julgaria-o conforme descrição do mesmo.

Embora, durante a Idade Média outros manuais tenham sido escritos para

2 Na era moderna, o conceito de heresia pode ser melhor definido por: “doutrina contrária ao que foi definida pela igreja em matéria de fé”. NOVINSKY;1994:10)

3 Referência da bula do Papa Inocêncio VIII, descrito no *Malleus Maleficarum* página 45.

4 Psiquiatra e analista, membro da Sociedade brasileira de Psicologia e Analítica, referência pág.19 do *Malleus Maleficarum*

combater a heresia, este do século XV é um dos mais “perversos e cruéis”. Byington analisa-o como sendo “um manual de ódio, de tortura e morte” (Byington;1484:20). A partir da criação do *Malleus* a França e boa parte da Europa conheceu os piores castigos e as chamas das fogueiras que tinha a função de punir *em nome de Deus* todos aqueles que agissem contra as normas regidas pela Santa Madre Igreja. A Inquisição torturou e matou milhares de mulheres acusadas de pacto com o Diabo e de outras heresias. Segundo dados de Rose Maria Muraro,⁵ “novecentas bruxas foram executadas num único ano na área de Wertzberg” e “em Toulouse, quatrocentas foram assassinadas num único dia”(Malleus;1484:13). Acredita-se que se tenha chegado a um número superior a cem mil mulheres queimadas vivas.

O período de atuação do manual, datado por alguns historiadores, do fim do século XIV a meados do XVIII, é referido como período de “caça as bruxas”. Embora no início da obra os inquisidores façam definições de heresia como “qualquer homem que erra gravemente na interpretação das Sagradas Escrituras (...) e quem quer que pense de outra forma a respeito dos assuntos pertinentes a fé que não do modo defendido pela Santa Igreja Romana é herege!” (Sprenger e Kramer;1484:53), a análise da primeira parte da obra deixa claro que a maior demonstração de heresia é a bruxaria. Segundo o manual, só esta, “com a ajuda do Diabo, graças a um pacto com ele firmado, se tornam capazes (...)de causar males e flagelos autênticos e concretos”(Sprenger e Kramer; 1484:56).

Na concepção dos dominicanos, as bruxas, depois de Lúcifer, excedem a todos os maiores pecados, visto que além de pactuarem com o Demônio, mantêm relações carnis com este, espalham ódio e injúrias a todos os seres e negam o Cristo crucificado. O crime cometido pelas bruxas “é o mais abominável dos três graus de infidelidade”(Sprenger e Kramer;1484:171). Durante todo o primeiro capítulo, os dominicanos buscaram enaltecer o Diabo e a bruxa como seres maléficos, possuidores de grandes poderes, mas mostraram claramente que estes (bruxa e diabo) não são superiores a Deus.

A discussão parte do principio que Deus permitiu a existência das bruxas. Com citações de Aristóteles, Santo Agostinho, São Tomás e bíblicas, os autores afirmam que “embora Deus não deseje o mal (...) quer Ele que ele exista e seja praticado” (Sprenger e Kramer;1484,158). Segundo essa teoria Deus permitiu a existência das bruxas porque tinha, no fundo, uma intenção. E embora Deus por prover e governar o

mundo devesse querer manter as coisas boas, tendo portanto que “afastar o mal daqueles a quem provê” (Sprenger e Kramer;1484::160). Os inquisidores mostram que Deus é capaz de extrair um grande bem do mal. A existência das bruxas permite que se prove a fé dos justos.”Não é propósito de Deus, portanto, prevenir todo o mal, para que o mundo assim não careça da causa de tantos bens” (Sprenger e Kramer;1484:161).

Enfatizando a *Questão VI* da obra, os inquisidores fazem uma descrição dos motivos do fato de serem as mulheres mais facilmente corrompidas pelo Diabo. Segundo os dominicanos, o fato está em terem mais credulidade que os homens, tendo, portanto, mais fé em relação a parte espiritual, o que as tornam objeto de desejo do Diabo, já que o maior objetivo deste é corromper a fé (Sprenger e Kramer; 1484:115). Outra razão é a de que as mulheres são mais impressionáveis e mais propensas a influência dos “espíritos descorporificados”, tornando-as absolutamente malignas quando a utilizam para o mal. Ainda, segundo o manual, as mulheres são “mais fracas na mente e no corpo, não surpreende que se entreguem com mais frequência aos atos de bruxaria” . E continua “a razão natural está em que a mulher é mais carnal do que o homem, o que evidência pelas suas muitas abominações carnis. E convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de (...) uma costela do peito, cuja curvatura é (...)contrária a retidão do homem”. Sendo assim “a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona e mente” (Sprenger e Kramer; 1484:116).

O “crime” cometido pela bruxaria, são apontados como merecedores dos castigos mais severos visto que “superam os pecados de outras pessoas”. Porém, esse crime não é visto pelos inquisidores como simples heresia e não deve, portanto, ser tratadas dessa forma. O herege e aqueles que pactuam com ele, recebe diversas formas de punição, indo da excomunhão pessoal “até a segunda geração por parte de pai e a primeira por parte de mãe”, a privações de herança e pena de morte. A bruxa porém é mais que herege, é uma “apóstata”⁶ .“Mais do que isso: (...) elas negam a Fé por qualquer prazer da carne e por qualquer receio dos homens, (...) chegam a homenagear os demônios oferecendo-lhes o seu corpo e a sua alma”⁷. Sendo assim o castigo dado aos hereges torna-se pouco, é necessário causar-lhes grande sofrimento. Por isso seu castigo deve ser confisco de todos os seus bens e a decaptação.

6 Pessoa que abandona uma religião para seguir outra. Bueno, Silveira. Mini dicionário da língua portuguesa

7 Sobre este parágrafo ver página 174 do Malleus.

Para finalizar a Primeira Parte dessa obra, os inquisidores esclarecem que as bruxas não ficam ricas porque “os demônios gostam de mostrar seu desprezo pelo Criador comprando as bruxas pelo mais baixo preço possível”, que não atingem aos príncipes pois precisam contar com suas amizades e por último, não atingem aos Inquisidores “e a outros oficiais de justiça, porque esses são os encarregados de fazer a justiça pública” (Sprenger e Kramer;1484:193)

O ataque as mulheres não é novidade. Santo Agostinho em *Cidade de Deus*, trabalha com a tese de que a mulher, desde a criação do mundo deve estar suscetível ao pecado. O pecado cometido por Eva ao comer o fruto proibido pesa sobre a alma feminina até hoje e, pesou mais fortemente na Idade Média. Através da leitura do *Malleus*, percebe-se claramente o ódio dos inquisidores e a fúria em classificar a heresia das bruxas para condená-las.

Como já analisado, a França estava iniciando a período do Renascimento e a formação dos Estados Modernos, e embora o combate a heresia já fosse bastante rígido até então, o índice de crueldade cresceu vertiginosamente, principalmente contra as mulheres, após a criação do *Malleus Maleficarum*. A Igreja precisou construir todo um discurso para tentar conter o avanço do novo período que marcava a decadência do feudalismo e o início de fortalecimento do poder do Estado. Era necessário tornar a população mais submissa a Igreja. Mandrou analisa em sua obra⁸ que a Igreja utilizou a tradição do medo e da magia cultivado no imaginário da população rural, para manter a afirmação real da prática herege durante os séculos seguintes. E observa que foi construído todo um discurso mitológico sobre a bruxaria onde os juízes conseguiram depoimentos detalhados de acusados e presenciadores de atos de bruxaria.

Todo discurso em torno da bruxa pode ser justificado pelo fato da importância representada pela mulher camponesa na França. Marcos Lopes⁹ relata a desestruturação das famílias camponesas pelas epidemias e guerras que assolaram a Europa a partir do século XV, onde muitos homens morreram em batalhas passando a administração familiar para as mãos das mulheres. Distantes de Igrejas ou de qualquer outra espécie de ajuda, aprenderam a cuidar de seus problemas sozinhas, ganhando muita confiança das outras famílias das vilas. A presença do padre não é mais tão necessária. No discurso cristão o poder da cura cabe apenas a fé com auxílio dos membros religiosos. Nesse sentido, as mulheres parteiras e curandeiras representam

8 Mandrou, Robert. Magistrados e feiticeiras na França do século XII. São Paulo, perspectiva:1979

9 Lopes, Marcos Antonio. “Reis e feiticeiras” IN: no tempo de reis e feiticeiras:cultura política no renascimento e no antigo regime. São Paulo; Scrinium:2001

uma ameaça ao padre e, conseqüentemente a Igreja. Lopes mostra como a igreja se une ao Estado para assumir o poder dos feudos tentando substituir essas mulheres por padres, na intenção, não só de conter o avanço das heresias mas, de aumentar o poder de domínio da igreja sobre todos os franceses. Marcos Lopes também mostra como essa prática serviu de elemento básico para a centralização do poder nas mãos do Estado, possibilitando, a formação dos Estados Nacionais.

Toda violência descrita no *Malleus* e todas as fogueiras erguidas na França e na Europa em *nome de Deus* poderiam claramente terem sido feitos em nome do poder. Primeiramente a Igreja utiliza a mulher (no caso da França) por ser maioria, para mostrar poder e criar medo na tentativa de não perder mais fiéis. E depois, em outras regiões, como na Península Ibérica, por exemplo, a Igreja se uniu ao Estado prendendo principalmente os judeus (cristãos-novos), numa intenção clara de adquirir bens materiais. Assim pode-se dizer que o discurso anti-herético da Igreja não se relacionava a caçar e punir quem não seguisse as normas regidas por Deus, esta era sim, o disfarce que encobria a ambição por riqueza e poder. A busca desmedida pelo poder resume a história desses séculos que a Igreja Católica escreveu com sangue e cinzas.

Ao buscar definir o conceito de heresia foi possível fazer uma análise sobre a trajetória do poder durante a idade média. Pode-se perceber que mesmo dentre os poderes temporais, o sagrado estava inserido com mais intensidade na vida cotidiana das pessoas. Porém a partir do século XV, quando o feudalismo entra em decadência e o Estado se fortalece, e especialmente após a Reforma, as idéias de salvação e os valores construídos durante séculos pela Igreja Católica começam a sofrer rupturas.

A igreja se vê na necessidade de buscar novos meios para fortalecer e retomar seu poder. A solução encontrada foi a restauração e reabertura do Tribunal da Inquisição ou santo Ofício, numa repressão ainda maior a heresia. Segundo Pierezan “ a literatura política de fins do século XIII e início do XIV revela-se repleta de imagens representativas da construção de um modelo de sociedade” (PIEREZAN;2006:103), ou seja, são esses fatores que fomentam as discussões sobre o modelo de sociedade pautado nos princípios éticos e morais da Igreja. Compreende-se com este argumento, a razão pela qual a Igreja se proveu de todas as táticas para conseguir seus objetivos, usando para isso o elo mais forte da sociedade francesa de então: as mulheres.

Com isso fica claro, por meio da análise do *Malleus Maleficarum*, que este retrata uma parte extremamente importante ao que se refere ao processo histórico mediante o

fim do período medieval, em que, a Igreja preocupou-se, não com o aumento do número de heresias desse período, mas com a reafirmação de seu poder. Isso pode também ser demonstrado pelo ato de união entre os poderes régios e papais, na qual a Igreja passa a utilizar a força do Estado para auxiliar na caça e prisão dos acusados, em muitos casos apenas para obtenção de bens, já que estes eram confiscados.

O massacre das francesas cometi das “em nome de Deus”, resume-se assim na busca desmedida pelo poder conseguida através de um discurso que impunha desejo de poder e acúmulo de riquezas tanto para o Estado quanto para a Igreja.